

5ª PARTE

DISCURSOS

Aula da Saudade⁴³

César Barros Leal

Que minhas primeiras e melhores palavras sejam de saudação aos colegas professores e aos Contemporâneos da Faculdade de Direito da UFC aqui presentes. Um registro de louvor aos integrantes da comissão organizadora, nas pessoas de Márcia Chrisóstomo e Hélio Leitão. Um abraço à Ivana, minha querida esposa e ex-aluna, com quem aprendi a linguagem da plenitude do afeto.

Senhoras e senhores. Esta é uma manhã especial. Assim a vejo com os olhos da mais genuína emoção, desvanecido pela honra concedida. Buscarei falar-lhes com parcimônia, atento à lição ditada pela prudência de que esta singela mensagem há de ter a exata dimensão de seu significado e da pertinência de sua brevidade. Quisera, como escreveu Ana Miranda, estender a toalha de um longo tempo e com vocês costurar conversas ponto a ponto. Talvez em outro dia, noutro momento único.

Perguntava-me o que me corresponderia transmitir, nesta esplêndida comemoração de formatura, a ilustres alunos e ex-alunos, muitos dos quais respeitados profissionais do direito, que têm colhido progressivamente, no curso dos anos, os frutos de sua acendrada vocação para o estudo e o trabalho, nos mais diferentes âmbitos. Concluí que não seria oportuno somar-me a vocês nas lembranças da graduação nem tampouco revisitar as lições de seus mestres. Lembrei-me, a esse propósito, de Rui Barbosa ao afirmar, na *Oração aos Moços*, lida na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, aos bacharelados de 1920, que por vezes devemos fechar o livro da ciência e juntos folhearmos o livro da experiência.

Permitam-me, portanto, não apenas parabenizá-los pela iniciativa deste encontro, mas também convocá-los a celebrar a vida, em sua exuberante potencialidade, e render tributo a Deus que nos permitiu

43. Aula proferida no dia 23 de novembro de 2013

estarmos aqui e agora, resgatando fragmentos inesquecíveis do passado e enaltecendo o presente, guardando com saudade a memória daqueles que foram arrebatados de nosso convívio, alguns prematuramente, acenando-nos para a grandeza que se encerra no cultivo da humildade, no repúdio à soberba, na reverência à família e aos amigos, no encantamento com as coisas simples do cotidiano, na *humanitas* que, consoante Eugenio Raúl Zaffaroni, constitui nossa centralidade como pessoa humana, ante o respeito que se exige à sua essência.

Além de professor, fui aluno da Faculdade de Direito e em 2012 comemorei quarenta anos de graduação. Os vínculos de estima com colegas dos bancos universitários me autorizam lembrar Francis Bacon, para quem não há solidão mais triste do que a de um homem desprovido de amigos, sem os quais o mundo é um deserto sombrio. Para o filósofo inglês, fundador da ciência moderna, nada é mais sagrado do que um amigo, com as letras douradas pela reciprocidade da afeição. Confesso-lhe, num segredo a vozes, que me fascina, como maçom, ser solidário, e o faço no exercício da gratidão sem rosto nem nome, em resposta a inumeráveis amigos que, em distintas ocasiões, e não foram poucas, me estenderam generosamente a mão.

Dos desafetos e dos falsos amigos guardo distância, mas igualmente lhes rendo tributo. No terceiro ano da faculdade, aos vinte de idade, escrevi um ensaio sob o título *A Utilidade do Mal*. Havia lido Orígenes Lessa, o romancista de *O Feijão e o Sonho*, que definira o povo judeu como “o aço forjado no melhor do fogo”, temperado no crisol da adversidade. E Han Ryner, ativista e escritor francês, autor de *O Quinto Evangelho*, que se referia às dores por seu nome secreto: alegrias negras. Dediquei o livro a todos os males que nos trazem um bem, entre os quais elencava o erro, o pecado, a dor, o sofrimento e a falsidade. Recordo haver assinalado que a hostilidade entre dois partidos foi um dos embriões da obra-prima da literatura universal: *A Divina Comédia*, escrita no século XIV. Dante Alighieri nasceu em Florença, onde se rivalizavam o partido dos *Bianchi* e o partido dos *Neri*; o primeiro defendia os interesses da família dos Cerchi, o segundo da

família dos *Bonati*, ambas de largo prestígio na cidade. Dante era *bianco*. O conflito provocou o exílio de políticos, entre os quais Dante, que se viu forçado a perambular pela Europa durante quase vinte anos. O abatimento que lhe causou a expatriação é sentido nas páginas da *Comédia*, na qual o poeta se vingou de seus perseguidores e adversários, jogando-os no Inferno, expostos aos mais atrozes suplícios. Evoco, ainda, a mitologia grega, que nos conta a história de Hércules, filho de Zeus e Alcmena; este, ingressando no Olimpo, após haver realizado as doze façanhas que o fizeram imortal, entre todos os presentes o primeiro a quem saudou foi a deusa Juno, esposa de Júpiter. Os outros deuses, surpresos, lhe perguntaram o motivo, uma vez que ela era sua maior antagonista e lhe declarou guerra desde quando nascera. – Não houvesse sido seu oponente – respondeu Hércules – não teria levado a cabo os dozes trabalhos com os quais adquiri a imortalidade. E acrescentou: – Foi para vencê-la que tanto lutei.

Na mencionada Oração aos Moços, Rui Barbosa registrou sua gratidão aos inimigos e aos infortúnios. Ouso presumir que apreciava mais os falsos do que os verdadeiros amigos, posto que, não fora a convivência com os primeiros e a experiência haurida da hipocrisia, do fingimento, da dissimulação, estaria mais vulnerável aos perigos e malefícios que mascaram. Para ele, as vicissitudes cruéis do dia a dia e o acerbo das provações se impõem como argamassa com que se moldam os homens e os expurga, os tempera e os nobilita. Em sua exortação afiançou que o melhor do que era, o melhor do que lhe sucedera, devia-o não à boa fortuna ou à amizade sincera, mas antes às maquinações dos malévolos, às contradições da sorte adversa. E esse “saber vulgar”, esse “saber rasteiro”, um saber feito de vivências, só Rui logrou expressar com tanta elegância.

Conquanto muitos não interiorizem essa noção, valores e princípios como a ética, a honradez, a retidão e a solidariedade são faróis-guias que devem direcionar-nos os passos num país pletórico de desigualdades, órfão de lideranças, onde a busca de vantagens a qualquer custo é a moeda de troca com que se pretende justificar todos os

meios, onde a corrupção desnuda, sem nenhum pudor, passeia desinibida pelos salões do poder e se abriga sob o teto da leniência e do compadrio, mesmo naqueles cenários que se exibem como bastiões de nossas crenças na materialização do direito e da democracia. Em boa hora, o STF, através da Ação Penal 470, sinalizou um novo ciclo na efetivação da justiça penal e restaurou a esperança perdida.

É nesse contexto, de variados matizes, que se tem destacado, nos últimos anos, o papel da imprensa de qualidade, livre, corajosa e vigilante, que se quer amordazar e desacreditar (e nos incumbe defendê-la com a veemência de nossas convicções), precisamente porque atenta às mazelas da contemporaneidade, aos índices perversos da educação e da saúde, aos desmandos de governantes e de políticos corruptos que conspurcam às escâncaras seus mandatos, às ações de empresários seduzidos pelo lucro fácil e imoderado, à desenvoltura de facções criminosas que agem dentro e fora das prisões. Quer denunciando e investigando denúncias, cobrando a transparência, o direito à participação coletiva na gestão das cidades e a atuação firme dos órgãos constituídos, quer robustecendo o debate (sobram temas como a liberdade na internet, a reforma política e tributária, o vandalismo crescente, a mobilidade urbana e a melancólica tragicomédia do "Procure Saber"), a mídia tem um relevante papel na construção de uma sociedade empoderada, mais justa e segura, onde possamos viver em paz e com dignidade, não mais sitiados pela angústia e pelo medo. E, neste último ponto, estamos em definitivo numa encruzilhada.

Em suas múltiplas faces, o câncer da violência se dissemina metastaticamente sob o olhar cúmplice e indiferente dos que têm a tarefa de preservar-nos a integridade física e a segurança, sem qual o próprio Estado não tem sentido, uma vez que esta constitui sua obrigação primária e um requisito substancial de sua existência como nação. E violar esse princípio é, no dizer de Souto Maior Borges, uma ruptura da Lei Magna. Entendo, por isso mesmo, que nosso desafio não apenas reside em protestar com os decibéis de nossa indignação contra o delito e sua irmã siamesa, a impunidade, senão também em nos

engajar numa causa cidadã que proclame a necessidade de medidas preventivas e de modelos eficazes de enfrentamento repressivo da delinquência, sem seduzir-nos pelo discurso enganoso dos arautos dos movimentos de lei e ordem, dos defensores das propostas importadas e heretodoxas de tolerância zero e da tese de Jakobs do direito penal da não pessoa, do inimigo.

Meus queridos ex-alunos. Como cidadãos e amantes do direito, cumpre-lhes o dever de honrar o juramento prestado em sua colação de grau e defender a justiça social e o aperfeiçoamento das instituições. Estou certo de que cada um de vocês tem feito e continuará a fazer sua parte no esforço de otimizar e remoçar a justiça, dando-lhe a estatura e a cara dos oprimidos, dos excluídos, das vítimas, aproximando-a da sociedade a que serve, fugindo dos cânones tradicionalistas que entronizam a letra fria da lei, atentando para o pluralismo jurídico, e adotando, sempre que possível, formas não adversariais de resolução de conflitos, com vistas a torná-la menos vertical, dogmática e morosa. Só assim, protagonizando um novo tempo, mudando paradigmas, seremos capazes, síndicos que somos de nossos sonhos, de enfrentar com eficiência os reptos da modernidade e oferecer respostas objetivas aos males de que recorrentemente somos reféns. Obrigado.